

A ARTE DO DIÁLOGO NA ERA TÉCNICO-CIENTÍFICA

Rafael Meira Moitinho Silva*

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar o conceito de diálogo para Hans-Georg Gadamer e qual a sua importância na vida das pessoas. Em um segundo momento faremos uma ligação entre o diálogo segundo Gadamer e o mundo contemporâneo, uma era em que podemos nos “comunicar” simplesmente através de uma mensagem em um aplicativo nas redes sociais.

Palavras-chave: Diálogo. Comunicação. Técnico-científico.

1. INTRODUÇÃO

100

O primeiro questionamento que devemos fazer é: realmente está desaparecendo a arte do diálogo? É com este questionamento que Hans-Georg Gadamer, ao observar a vida social das pessoas, reflete sobre o diálogo no contexto da hermenêutica filosófica. O pressuposto é claro: é impossível comunicar sem diálogo. Afinal, de que maneira o diálogo deve ser compreendido? Qual é a sua importância para a compreensão?

A experiência do diálogo só pode existir entre os homens. Só existe diálogo por que existe linguagem e a linguagem é inata aos homens. Aos seres humanos, e somente a eles, foi dada o *logos*, palavra de origem grega que significa a *capacidade da razão* ou a *capacidade de pensar*, mas também significa linguagem. Segundo Gadamer, inspirando em Aristóteles, o *logos* foi dado somente ao homem para que estes comunicassem entre si sobre o

* Cursa o último semestre do curso de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (polo de Vitória da Conquista - BA). Uma versão do presente texto foi apresentada, com título e conteúdo distintos, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a obtenção do grau de Bacharel em filosofia. Contato: rafael.meiramoitinho@gmail.com.

que é bom ou ruim, sobre o que justo ou injusto. A finalidade do diálogo é a comunicação entre humanos, sobre coisas humanas.

Na era da técnica e da comunicação, de relações cada vez mais distantes, mas ao mesmo tempo “próximas”, podemos ainda nos questionar, sobre o quanto de diálogo existe em tais relações. No atual nível tecnológico, é possível existir um verdadeiro diálogo? Se é impossível se comunicar sem dialogar, então, seria possível se comunicar através das redes sociais? São estes questionamentos que buscamos responder abaixo a partir da concepção de diálogo de Gadamer e sua ligação com a atualidade.

2. O QUE É O DIÁLOGO PARA GADAMER?

Para falarmos de diálogo, segundo Gadamer, é importante compreendermos em primeiro lugar que ele só existe por que os seres humanos podem, antes de tudo, falar. Para o filósofo, como dissemos antes, “[...] é de Aristóteles a definição clássica do homem como o ser vivo que possui *logos*” (GADAMER, 2002a, p. 173), a palavra “*logos*” pode ser traduzida como a capacidade da razão e também de pensar, contudo a palavra significa sobretudo: linguagem. Ainda segundo o filósofo, podemos diferenciar os homens dos animais da seguinte forma, **101**

[...] os animais tem a possibilidade de entender-se mutuamente, mostrando uns aos outros o que lhes causa prazer, a fim de poder buscá-lo, e o que lhes causa dor, a fim de evita-lo. Aos animais a natureza só lhes permitiu chegar até esse ponto. Apenas aos homens foi dado ainda o *lógos*, para que se informem mutuamente sobre o que é útil ou prejudicial, o que é justo e injusto (GADAMER, 2002a, p.173).

É somente pela capacidade de se comunicar que o homem, e unicamente ele, pode pensar em comum e, assim procedendo, pode evitar guerras, conflitos, assassinatos, homicídios, ele pode tornar possível uma convivência humana pacífica e frutuosa. Sendo assim, Gadamer reafirma, como pressuposto da origem da linguagem, a tese aristotélica segunda a qual “[...] o homem é um ser vivo dotado de linguagem” (GADAMER, 2002a, p. 174).

Quando questionado sobre o que é próprio da linguagem o filósofo afirma que podemos desdobrar esta questão com três aspectos. O primeiro deles afirma que deve haver um esquecimento essencial de si mesmo que advém à linguagem. Para ele, “[...] a linguagem viva não tem consciência de sua própria estrutura, gramática, sintaxe, etc., portanto de tudo aquilo que a ciência da linguagem tematiza” (GADAMER, 2002a, p. 178). Um bom exemplo desse esquecimento de si é quando nós vamos aprender uma língua estrangeira, pois as frases paradigmáticas usadas nestes cursos têm por objetivo, fazer-nos tomar consciência expressa de um determinado fenômeno da linguagem. Para este primeiro aspecto o filósofo conclui afirmando,

Assim, o esquecimento de si próprio da linguagem nos mostra que o seu verdadeiro sentido é o que nela se diz, o que constitui o mundo comum, onde vivemos e onde se insere também a grande corrente da tradição, que nos alcança por meio da literatura de línguas estrangeiras, vivas ou mortas. O verdadeiro sentido da linguagem é aquilo que adentramos quando a ouvimos: o dito (GADAMER, 2002a, p. 179).

102

O segundo traço essencial do ser da linguagem é a ausência de um Eu. Para o filósofo, quem fala qualquer língua que ninguém mais compreende, simplesmente não fala. “Falar significa falar a alguém. A palavra quer ser palavra que vai ao encontro de alguém” (GAMADER, 2002a, p. 179). É neste sentido que chegamos à compreensão da essência do diálogo, pois o falar não pertence à esfera somente do eu, mas à esfera do nós, da comunidade. Para compreender é preciso saber que existe uma realidade espiritual na palavra, a realidade do *Pneuma*, do espírito, que une o eu e tu: “[...] a realidade do falar consiste no diálogo. Em todo diálogo, porém, vige um espírito, bom ou mau, espírito de enrijecimento e paralização ou espírito de comunicação e intercâmbio fluente entre eu e tu” (GADAMER, 2002a, p.180).

A forma como se concretiza o ato dialógico, pode ser descrita a partir do conceito de jogo. Por isso a necessidade de livrar-nos do hábito de pensarmos que o que define a essência do jogo é a consciência do jogador. Dá-se o jogo quando o jogador individual leva a sério o jogo, não fica

somente na superficialidade, mas se deixa levar pela experiência do jogo. A estrutura do jogo é semelhante à estrutura do diálogo:

[...] a estrutura fundamental do jogo de estar impregnado de seu espírito - espírito de leveza, de liberdade, do prazer do logro - e nisso impregnar o jogador é aparentada com a estrutura do diálogo, onde se dá a linguagem real (GADAMER, 2002a, p.180).

Quanto ao terceiro aspecto, Gadamer o define como universalidade da linguagem. Para o filósofo a linguagem é oníabrangente. Uma vez que o ter em mente quer-se referir a algo, não existe nada que se subtraia fundamentalmente a possibilidade de ser dito. Esta possibilidade de dizer algo, avança cada vez mais por conta da universalidade da razão, pois: “[...] todo diálogo possui, portanto, uma infinitude interna e não acaba nunca” (GADAMER, 2002a, p.181). O diálogo pode ser concluído seja por que um dos dialogantes acha já ter dito o suficiente ou porque não tem mais nada a dizer. Esta é a razão pela qual toda interrupção de um diálogo guarda uma referência interna da retomada do mesmo. A partir destes três principais aspectos sobre a intrínseca ligação de diálogo e linguagem é que podemos caracterizar o diálogo em si. 103

Assim como a linguagem, o diálogo é algo natural no homem (Cf. GADAMER, 2002b, p. 243), ou seja, o ser humano possui a capacidade de se comunicar com os outros e realiza esta arte para alcançar os seus objetivos. Mas o que é realmente “diálogo”? Eis a resposta de Gadamer:

O que é um diálogo? De certo que, com isso, pensamos num processo entre pessoas, que, apesar de toda sua amplitude e infinitude potencial, possui uma unidade própria e um âmbito fechado. Um diálogo é, para nós, aquilo que deixou uma marca. O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo (GADAMER, 2002b, p. 247).

O diálogo não se confunde com uma conversação feita entre duas pessoas e muito menos uma conversação feita por ligação telefônica, por exemplo, pois, desta maneira não se pode observar se o outro está ou não aberto ao diálogo. Para Gadamer, na experiência do diálogo, devemos

observar a abertura entre duas pessoas para comunicar algo, para resolver algo ou até mesmo para trocar experiências da vida.

A exigência básica do diálogo, para Gadamer, é esta: *o diálogo é o meio através do qual ocorre a compreensão e é através dele que a linguagem vem à tona*. Linguagem e diálogo ocorrem simultaneamente, ou nas palavras de Gadamer: “A linguagem apenas se dá no diálogo” (GADAMER, 2002b, p. 243). O filósofo afirma que a ligação telefônica é “como o negativo de uma foto” (2002b, p. 244), pois o que deve conter um diálogo, na conversa telefônica, se mantém totalmente excluído: o tocar e o escutar, sentir a presença do outro, não somente através dos sinais sonoros recebidos via aparelho telefônico, mas pela energia corpórea que o outro nos transmite quando estamos próximos, bem como todos os seus gestos corporais.

3. A ESSÊNCIA DO DIÁLOGO PARA GADAMER

Muitos foram os homens e as mulheres que encantaram as pessoas através do seu diálogo, Gadamer cita alguns grandes nomes como Confúcio, Gautama Buda, Sócrates e Jesus. O que chama atenção nestes exemplos é o fato de que estes homens nada escreveram. A razão de serem mestres do diálogo se deve ao fato de que, através do que conhecemos deles - legado pela tradição escriturística -, podemos observar a grandeza dos seus diálogos com as pessoas que com eles entraram em contato. 104

Chama atenção outra característica comum a estes mestres do diálogo, para além da oralidade, ou seja, o fato de que nestes diálogos os envolvidos se deixavam levar pela espontaneidade e pela proximidade, pelas perguntas e pelas respostas. O que restou desses diálogos foram as anotações feitas por outros, o que forma não uma súmula do diálogo mas sim uma verdadeira literatura, “[...] isto é, pressupõem a arte de escrever, essa capaz de formular e evocar, com os recursos literários, uma realidade viva” (GADAMER, 2002b, p. 245).

Os mestres do diálogo, citados por Gadamer, são mestres porque foram (são) capazes de realizar o objetivo principal do diálogo, aquilo que constitui a sua essência é a transformação dos envolvidos no diálogo. Eis, por outro lado, o que não ocorre na grande maioria das nossas “conversas” contemporâneas, tão requeridas e tão corriqueiras em nosso tempo. Um

dos impasses dos nossos “diálogos” contemporâneos, ou seja, aquilo que faz com que se mostrem tão ineficientes, diz respeito ao resultado quase nulo que eles produzem: dada à quantidade de “diálogo” realizado, constata-se um mínimo de transformação dos dialogantes. Será essa é uma incapacidade nossa ou da nossa época? Deixamos de ser seres de diálogo?

Até mesmo as anotações que transmitiam a força de um diálogo, como as cartas, foram extintas, tornou-se uma espécie de meio de informação que não vale mais. Também no meio filosófico, o fenômeno do diálogo deve ser observado, o diálogo “[...] sobretudo aquela forma específica do diálogo entre duas pessoas desempenharam uma importante função, e talvez na mesma confrontação que acabamos de descobrir como um fenômeno cultural comum” (GADAMER, 2002b, p. 245). Para Gadamer um exemplo do verdadeiro diálogo, hoje acessível a partir do texto, é aquele consubstanciado nos famosos “os diálogos platônicos”, ou seja,

Quando duas pessoas se encontram e trocam experiências, trata-se sempre do encontro entre dois mundos, duas visões e duas imagens de mundo. Não é a mesma visão a respeito do mesmo mundo, como tenta comunicar o pensamento dos grandes pensadores com seu esforço conceitual e a elaboração de suas teorias. O próprio Platão não comunicou sua filosofia simplesmente em diálogos escritos em reconhecimento ao mestre do diálogo, Sócrates (GADAMER, 2002b, p. 247).

105

Grandes pensadores também puderam observar a arte do diálogo, como Franz Rosenzweig, Martin Buber, Friedrich Gogarten e Ferdinand Ebner. Segundo Gadamer, todos estes autores “[...] uniram-se na convicção de que o caminho da verdade passa pelo diálogo” (GADAMER, 2002b, p. 247).

Do que foi dito, podemos concluir que, para Gadamer deve existir uma valorização explícita do diálogo, pois é através dele que chagaremos a verdade e conseguiremos atingir o outro e transformá-lo. Em todo este processo, como já foi dito, reafirmamos a linguagem. Nesse processo, ao mesmo tempo, nós também seremos transformados. Na atualidade podemos observar as dificuldades enfrentadas pela sociedade, nesta era técnico-científica, para a experiência de um diálogo em termos gadameriados. Essa dificuldade será abordada a seguir.

4. OS ESPAÇOS E AS EXIGÊNCIAS DO DIÁLOGO

Assim como é múltiplo a função do diálogo, podemos observá-lo em diversos lugares e momentos. O filósofo apresenta duas situações que nos faz observar algumas coisas, a primeira é a falta de disposição para o diálogo, e a segunda, algo que se faz necessário para sua efetivação, ou seja, que faça vigorá-lo:

Certa vez, pude observar uma delegação militar de oficiais finlandeses sentados ao redor de uma grande mesa redonda num hotel de Berlim, silenciosos e concentrados. Parecia que entre cada um deles e seu vizinho estendia-se a vasta tundra da paisagem de suas almas como se representasse uma distância insuperável. Qual o viajante dos países nórdicos que não se mostra admirado do constante rebulição sonoro das conversas travadas nos mercados e praças dos países meridionais, por exemplo, Espanha ou Itália?! (GADAMER, 2002b, p.243).

O primeiro exemplo pode ser usado para dizer-nos sobre a falta de disposição de um grupo de pessoas para que efetuem um diálogo, já que a presença humana é patente. O segundo exemplo pode ser utilizado para nos mostrar uma capacidade para tal. Os dois exemplos são importantes, mas o filósofo destaca que “[...] pode ser que o diálogo seja algo bem diferente do que o tipo estilo de intercâmbio travado nos sons ruidosos da vida social” (GADAMER, 2002b, p. 243).

Não podemos dizer que acontece um diálogo entre duas pessoas ou mais, se ao final deste, os participantes não saírem transformados. Esta é a exigência que o conceito de diálogo de Gadamer exige. A dificuldade de atingir esta meta revela o quanto o diálogo é exigente, o quanto, nas trocas de experiências, todos devem escutar o que o outro tem a dizer, fazer a sua crítica ou comentário sobre o assunto... tudo isso com a disposição de sair transformado, com a sua convicção mais fortalecida ou em condições de, após avaliação, abandoná-la.

A exigência de transformação é, para o filósofo alemão, muito importante: se não for assim não existirá diálogo, apenas pessoas que balbuciam palavras e discutem entre si sem nenhum objetivo último. Não por acaso o diálogo se aproxima da amizade. Como afirma Gadamer:

Onde um diálogo é bem sucedido, algo nos ficou e algo fica em nós que nos transformou. Assim, o diálogo encontra-se em vizinhança particular com a amizade. Só no diálogo (e no rir-um-com-o-outro que é como um consenso transbordante sem palavras), amigos podem encontrar-se e construir aquela espécie de comunidade na qual cada um permanece o mesmo para o outro, porque ambos encontram o outro e no outro se encontram a si mesmos (GADAMER, 2002b, p. 247).

Para Gadamer, além de apresentar o sentido mais extremo e profundo do diálogo devemos considerar as diversas formas de diálogo que ocorrem em nosso meio. Estes meios para a realização do diálogo, como denunciam diversos sinais contemporâneos, ameaçam a efetivação do próprio diálogo. O autor apresenta alguns destes espaços clássicos do diálogo. O primeiro que devemos abordar é o diálogo pedagógico, “[...] não que merecesse por si uma primazia especial, mas nele mostra-se de modo especial o que pode estar por trás da experiência da incapacidade para o diálogo” (GADAMER, 2002b, p. 248).

107

O diálogo entre professore e alunos, ou entre o mestre e seus discípulos, segundo Gadamer, é uma das formas mais primitivas de transmissão do conhecimento. Podemos observar isso nos mestres do diálogo, citados à cima, professores e mestres que se dedicaram a ensinar, em um profundo diálogo com seus alunos e/ou discípulos. É neste espaço de diálogo que se apresenta uma dificuldade peculiar que faz com que este possa se manter vivo e vivificante. Aquele que está à frente ensinando, pode somente querer falar e, quanto mais se vê consistente e articulado em sua fala, tanto mais imagina estar mantendo um diálogo com seus alunos. Para exemplificar isto, Gadamer apresenta uma situação de sua vida:

Recordo-me de meu tempo de estudante de um seminário que fiz com Husserl. Sabemos que o exercício do seminário costuma conter o máximo de diálogo investigativo possível e o mínimo possível de diálogo pedagógico. Husserl, que nos primeiros vinte anos como mestre de fenomenologia em Friburgo sentia-se movido por um profundo impulso missionário e exercia na realidade uma atividade filosófica de ensino muito significativa, não era nenhum mestre do

diálogo. Ele abria aqueles seminários com uma questão inicial, recebia uma resposta curta e, movido por essa, prosseguia seu monólogo por duas horas seguidas. Quando ao final da reunião saía da sala junto com seu assistente, Heidegger, dizia a este último: “hoje, sim, tivemos realmente um debate animado” (GADAMER, 2002b, p. 248, grifos do autor).

Através deste exemplo podemos compreender a crise existente nas preleções acadêmicas. A incapacidade para dialogar dá-se através do professor, que pensa estar ensinando de maneira correta sendo ele o autêntico transmissor da ciência, vê-se mergulhado nesta incapacidade de tal modelo que, quanto mais a exercita, mais próximo chega do monólogo.

Podemos observar ainda, que em uma situação de ensino, quando esta ultrapassa a intimidade de um pequeno círculo, aumenta ainda mais a dificuldade de se vigorar um diálogo. Para o filósofo alemão, desde Platão podemos observar esta dificuldade: “[...] o diálogo jamais se torna possível com muitas pessoas, nem pela simples presença de muitos” (GADAMER, 2002b, p. 249). Ainda hoje podemos notar a tentativa de dialogar nos chamados “fóruns de conversações” ou ainda nas “mesas semirredondas”¹⁰⁸ que para Gadamer, são diálogos semimortos.

Existe ainda lugares onde o diálogo acontece de forma autêntica, ou seja, individualizada, onde este, conserva a sua verdadeira função. São ainda de grande importância e merecem destaque: o diálogo de negociação, o diálogo terapêutico e o diálogo confidencial (Cf. GADAMER, 2002b, p. 249-250). Como não poderia deixar de ser, aquela constatação de Gadamer – que identificava a conversa telefônica como o negativo de uma foto – possui o seu grau de verdade, pois a parafernália técnica talvez ainda não corrobore na realização plena do diálogo, no sentido de atingir a transformação dos dialogantes. Ainda hoje uma negociação importante, o tratamento terapêutico e a conversa confidencial requerem a presença dos interessados.

Através do que foi exposto acima, podemos compreender que há algumas características que constituem um verdadeiro diálogo: abertura, presença.... Agora podemos nos questionar: em plena era da técnica, estamos dialogando? A nossa resposta deve ser congruente com a sociedade atual, ou seja, no contexto da era técnico-científica que estamos vivendo.

Refletir sobre a possibilidade do diálogo na atualidade nos permitirá comparar um diálogo anterior a nossa época. Podemos ainda analisar e questionar se os nossos meios de comunicação atuais – precisamente as redes sociais –, corroboram ou impedem a realização de um verdadeiro diálogo.

Com o avanço tecnológico é patente que os aparelhos eletrônicos não se reduzem apenas ao negativo fotográfico como afirmou Gadamer – em uma época em que a tecnologia estava em sua fase embrionária –, o que não impede de questionarmos o papel da técnica no contexto e à luz do seu conceito de diálogo. Será que hoje as tecnologias não podem ser um espaço favorável e vigoroso do diálogo?

5. O DIÁLOGO NA ERA DA TÉCNICA

Todo este questionamento sobre o diálogo na era da técnica é apresentado pelo filósofo através do que ele mesmo ressalta como “incapacidade para o diálogo”. Segundo a sua perspectiva, através do exemplo do telefone, a era “técnico-científica”, em vez de facilitar, cria **109** dificuldade para o estabelecimento de um grandioso diálogo.

No contexto contemporâneo podemos, nos questionar sobre a fragilidade – ou até mesmo a qualidade, uma vez que o diálogo efetivo transforma os dialogantes –, do diálogo praticado entre as pessoas. Hoje em dia muitos acreditam que uma simples ligação ou uma mensagem através das redes sociais pode ser sinônimo de diálogo. É claro que tanto o acesso quanto o uso dos meios tecnológicos não constituem o diálogo. Estes espaços são espaços ambíguos¹: podem servir para o diálogo, o encontro, a

¹ Basta lembrarmos alguns termos importantes das novas tecnologias. Uma grande revolução tecnológica foi a promovida pela Microsoft com a criação do *Windows* (Janela); os nomes dos endereços eletrônicos são chamados *Sites* (lugar, espaço, local...) e a designação de uma desses lugares como “Redes sociais”, permitem intuir que a intenção é, de fato, ser a extensão facilitadora dos encontros, dos reencontros, das buscas. Resta saber se, de fato, o uso que os indivíduos fazem destas janelas, destes locais, destas redes são produtivas e transformadoras como a presença de uma janela no quarto que permite a entrada da luz, os pontos tradicionais de encontros (Igrejas, Escolas, Praças...) e a importância decisiva que compõe uma rede de amigos. Não por acaso Gadamer afirmou que o verdadeiro diálogo supera as barreiras e torna os dialogantes amigos. Estas barreiras são apenas barreiras físicas ou barreiras que cada um se impõe, através de seu mutismo, sua ecologia, sua ausência de empatia, seu egoísmo, seus preconceitos.

transformação pessoal ou podem tornar o diálogo impossível, ou seja, ser um motivo de não transformação e radicalização do eu sobre si mesmo. O autor quase nada revelou sobre o aspecto positivo da técnica, mas expressou seu pensamento sobre o seu lado negativo, reconhecendo que estamos presenciando o desaparecimento da arte do diálogo e este está sendo substituído pelo modo de pensar da era da técnica:

A arte do diálogo está desaparecendo? Na vida social de nossa época não estamos assistindo a uma monologização crescente do comportamento humano? Será um fenômeno típico de nossa civilização que acompanha o modo de pensar técnico científico? (GADAMER, 2002b, p. 242-243).

Gadamer apresenta alguns exemplos que são responsáveis pela diminuição do diálogo, o primeiro deles é chamado por ele de “conversa telefônica” (Cf. GADAMER, 2002b, p. 244). Para o filósofo, o problema que se insurge aqui sobre o diálogo, não se faz sentir naqueles casos em que a convivência estreita entre duas pessoas vai tecendo o fio da comunicação. A incapacidade para dialogar, refere-se à impossibilidade de abertura de uma pessoa para outra. Para que o diálogo aconteça, condição indispensável e requerida é que esta outra pessoa esteja aberta, para que o fio da conversação possa fluir. 110

Será mesmo que através do telefone não podemos dialogar? Gadamer apresenta esta questão como um negativo de uma foto, ou seja, mesmo que as duas pessoas dizem estar abertas para o diálogo, é quase impossível se notar a disposição de abertura do outro para entrar em diálogo.

Também podemos observar que não estamos vivendo mais no tempo em que para se comunicar com alguém distante, a única possibilidade é a ligação telefônica. Hoje em dia, já temos outras tantas possibilidades, como as redes sociais, que podem favorecer até visualizar o outro, mesmo que este esteja a milhares de quilômetros de distância, em outro estado ou país².

² É importante, sobre a discussão desse tema, termos presente a época em que Gadamer escreveu o texto *A incapacidade para o diálogo* (1972) e a época atual.

Para o estudioso de Gadamer Luiz Rohden, nós “[...] não podemos ignorar o fato de que há circunstâncias sociais objetivas que podem conduzir a um atrofiamento da linguagem dialógica, produzido, por exemplo, pelos meios de comunicação social” (ROHDEN, 2002, p. 188). A questão aqui pode ser caracterizada como uma “incapacidade objetiva” ou “incapacidade subjetiva”. A primeira se impõe quando não existe uma linguagem comum entre aqueles que planejam dialogar, a segunda, é a incapacidade de ouvir:

[...] o entrave dialógico da incapacidade objetiva reside no fato de que a linguagem comum entre as pessoas vai se degradando mais e mais à medida que nos habituamos à situação monológica da civilização científica de nossos dias e à técnica informativa de tipo anônimo que esta utiliza (ROHDEN, 2002, p.188).

Para Gadamer, o exemplo que pode ser dado sobre esta questão, pode ser observado quando estamos em um diálogo à mesa,

[...] em nítida extinção, sobretudo em certas residências luxuosas de americanos deploravelmente ricos, pelo conforto técnico e sua utilização irracional. Ali existem salas de jantar tão equipadas que cada comensal, à medida que olha para seu prato, pode confortavelmente assistir a um aparelho de televisão instalado especialmente para ele (GADAMER, 2002b, p. 251).

111

Quantas vezes também nós, mergulhados nesta era “técnica”, também nos deparamos com semelhante situação? Muitas vezes em um encontro com amigos, estamos agarrados em nossos celulares, que são muito mais próximos de nós que as pessoas que estão ao nosso redor. Em nossas casas não largamos o celular, conduzidos pela curiosidade pelas redes sociais, com um pretexto de que podemos conversar com pessoas novas. Importa reconhecer: esta “necessidade” nossa, cotidiana, de querer se comunicar não é algo advindo da tecnologia, mas é algo “nosso”. Como não é algo natural ou com finalidade de superar a comunicação e chegar à amizade, estas conversas, quer sejam mensagens escritas, áudios ou imagens são externadas sem nenhum sentimento do emissor. Soma-se a isso a total

dependência que a mensagem tem do receptor, pois cabe a ele – destinatário em um diálogo efetivo –, a interpretação da mensagem recebida da nossa parte.

Todas as condições objetivas disponíveis hoje em dia para a realização do diálogo pleno, no sentido requerido por Gadamer, quando não são efetivas, se tornam um empecilho para quem as acolhe do outro lado. Por vezes ocorre essa abertura ao outro distante e um fechamento aqueles que estão, fisicamente, ao nosso lado. Mesmo quando temos a oportunidade de nos vermos através dos novos métodos, não sentimos o calor, a presença do outro, no qual se faz tão necessário.

O estranhamento entre as pessoas pode ocorrer quando os participantes não falam a mesma língua (ou o mesmo idioma) e a mesma língua, no sentido ideológico ou religioso. A aproximação e abertura pressupõe uma linguagem comum e plenifica a própria linguagem como disse Gadamer. Torna-se verdadeiro que é difícil dialogar quando não se encontra uma linguagem comum. Quando isso ocorre o diálogo pode se tornar belo, pois revela que as condições ideais para o diálogo foram atendidas, se não no todo, ao menos parcialmente:

112

Um caso extremo disso é o diálogo balbuciente que se dá entre duas pessoas de línguas diferentes, que conhecem apenas migalhas da língua do outro, mas que se sentem impelidos a se dizerem algo. O fato de, por fim, acabarem se entendendo e chegarem a um acordo a respeito de coisas práticas ou sobre assuntos de ordem pessoal ou mesmo teórica pode ser um símbolo de que, mesmo onde parece faltar a linguagem, pode surgir entendimento pela paciência, pelo tato, pela simpatia e tolerância e pela confiança incondicionada na razão comum a todos (GADAMER, 2002b, p. 252).

Sendo assim, podemos testemunhar que o diálogo pode dar-se de diversas maneiras e até mesmo entre pessoas de personalidades diferentes, como também temperamentos, opiniões políticas e religiosas e etc.. Porém, na era “técnico-científica” a capacidade de diálogo pode ser diminuído drasticamente e, na maioria das vezes, até impossibilitado, apesar da disponibilidade dos meios. A “incapacidade para o diálogo”, então, pode

ser mais uma objeção daqueles que não querem mudar de ideia, do que uma necessidade real no outro para se firmar como eu, com animal de linguagem e diálogo.

6. CONCLUSÃO

A partir do apresentamos ao longo do texto, podemos concluir que, para Hans-Georg Gadamer, o diálogo entre os homens tem a sua peculiaridade e sua devida importância, tanto como necessidade humana quanto como fundamento da sua hermenêutica. O elemento central tanto para o diálogo bem-sucedido quanto para o correto uso da linguagem é a compreensão. Observamos também, que para o filósofo, diálogo e linguagem caminham na mesma direção, ao ponto que só é possível dialogar quando podemos estabelecer uma linguagem comum entre nós, ou, mesmo que esta linguagem não seja comum, o esforço para que o diálogo aconteça, deve prevalecer.

A partir do foi dito podemos reter esta ideia central: o diálogo é um encontro entre duas ou mais pessoas e, por isso mesmo, não deve ficar restrito somente a cartas e muito menos através de ligações telefônicas ou redes sociais. Nossa época precisa aprender a “dialogar” com sinceridade, aprender a se aproximar do outro com abertura suficiente para sair transformado. A exigência atual e mais urgente não diz respeito aos meios para o diálogo e sim a necessidade de tratar o outro como um verdadeiro ser capaz de diálogo. Se ficarmos somente nas redes sociais onde o encontro com o outro não passa de interpretação de mensagens escritas ou talvez chamadas via webcam não chegaremos ao cerne do verdadeiro diálogo.

Concebido assim, o diálogo exige de cada um dos participantes muita paciência, sensibilidade, simpatia, tolerância e a confiança, que deve ser incondicional e partilhada entre os seres humanos. Para atingir estes objetivos que ontologicamente constituem o homem - ser de linguagem, de *logos* -, os meios tecnológicos não são um entrave. Eles podem facilitar o diálogo, uma vez que o objetivo é sair transformado.

REFERÊNCIAS

GADAMER, Hans-Georg. Homem e linguagem. In: _____. **Verdade e método II: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora universitária São Francisco, 2002a, p. 173-182.

_____. A incapacidade para o diálogo. In: _____. **Verdade e método II: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora universitária São Francisco, 2002b, p. 242-252.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

Rafael Meira Moitinho Silva

<http://lattes.cnpq.br/4572119773663333>